

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO RURAL

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DO
ANO AGRÍCOLA

CAMPANHA AGRÍCOLA DE 1983

Situação Actual e Perspectivas

Outubro de 1983

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DO
ANO AGRÍCOLA

CAMPAÑA AGRÍCOLA DE 1983

SITUAÇÃO ACTUAL E PERSPECTIVAS

I N D I C E

1. INTRODUÇÃO
2. REGIME PLUVIOMÉTRICO
3. SITUAÇÃO DAS CULTURAS DOMINANTES DE SEQUEIRO
4. EVOLUÇÃO DAS CULTURAS
5. ESTADO SANITÁRIO
6. PERSPECTIVAS DE PRODUÇÃO
7. IMPLICAÇÃO DA CAMPANHA NOUTROS SECTORES IMPORTANTES DO MUNDO RURAL
 - 7.1. CULTURAS IRRIGADAS
 - 7.2. PRODUÇÃO FORRAGEIRA
 - 7.3. ABASTECIMENTO DE ÁGUA ÀS POPULAÇÕES
8. CONCLUSÕES

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DO
ANO AGRÍCOLA

CAMPANHA AGRÍCOLA DE 1983

Situação Actual e Perspectivas

1. INTRODUÇÃO

A "avaliação de ano agrícola", tarefa incumbida a uma Comissão Permanente, criada por despacho do Comarada Ministro do Desenvolvimento Rural, é uma operação já tradicional no decurso de cada campanha.

Integrada por técnicos de diversos sectores do Ministério do Desenvolvimento Rural, desenvolvendo actividades nas áreas da produção agrícola de sequeiro e irrigada, reflectação, produção animal e agrometeorologia e hidrologia, a referida Comissão, recorrendo-se a uma metodologia que lhe é própria, procura, desde a inauguração da estação agrícola, coincidente com as primeiras precipitações representativas criando condições para a germinação das culturas tradicionais, até o término do ciclo cultural, retratar a situação e sua evolução.

Por conseguinte, a actividade basilar da Comissão centraliza-se no acompanhamento das culturas tradicionais, responsáveis pela ocupação de mais de 90% da área dos sequeiros: milho e feijões.

Através do apuramento físico das produções finais, jogando-se com as necessidades e disponibilidades em víveres, estaremos na posse de elementos permitindo avaliar o déficite, em particular no domínio dos grãos alimentares.

Convém realçar o facto de as características do ano agrícola permitirem, com elevado grau de segurança (normalmente em meados de Outubro), perspectivar a evolução das produções finais, mesmo a vingar-se posteriormente o cenário mais favorável. Nas campanhas antecedentes e na em curso, com suficiente antecipação relativamente ao seu encerramento, os da-

dos acumulados (relativos a, insuficiência e sobretudo acentuação da assimetria espacial e temporal da repartição da pluviosidade; eclosão de pragas; nefasta acção dos ventos e outros condicionamentos ambientais adversos) têm permitido prever os marcados déficits das produções tradicionais que, nos casos mais favoráveis, não têm coberto 20% das necessidades (pelo menos do milho, 45.000 tons anuais). No tocante aos feijões, com grande oscilação a taxa de cobertura têm sido maior (necessidades 7.000 tons), chegando-se mesmo à auto-suficiência (1980).

PRODUÇÕES DE MILHO E FEIJÕES (TONS)

A N O	M I L H O	F E I J Õ E S
1970	934	341
1971	910	271
1972	-	1150
1973	714	144
1974	2200	440
1975	1500	3000
1976	5000	2000
1977	1500	240
1978	1000	1350
1979	9000	2500
1980	8500	8900
1981	2895	500
1982	4400	2960

Paralelamente às produções dos grãos, a Comissão igualmente procura estimar o reflexo da Campanha na produção dos alimentos de subsistência (tubérculos) e na massa forrageira, embora com menor grau de rigor.

Finalmente, não estão alheadas da Comissão o impacto dos condicionamentos da estação agrícola na recomposição dos regadios permanente e temporários (em sensível acréscimo, como resultado da implantação das estruturas de conservação de solo e água), bem como a problemática de abastecimento de água às populações.

Falou-se atrás duma metodologia. Resumidamente ela

consiste em:

1. definição das áreas efectivamente semeadas, tomando-se como limiar as áreas "normalmente" semeadas (cerca de 35.000 ha), nos últimos anos. Estas áreas são reportadas por um estudo da SCETAGRI (na base da carta de ocupação dos solos). Convém referir que as áreas potencialmente exploradas com as culturas pluviais (à volta de 58.000 ha) têm vindo a sofrer, nos últimos anos, uma progressiva retracção como persistência das condições de seca. Esta redacção têm-se realizado a expensa de áreas marginais, outrera assegurando alguma produção, mas hoje mais viradas para uma vocação silvo-pastoril.

2. Entre as áreas semeadas, distinguem-se as semeadas, "em seco" (isto é antes de se inaugurar o desencadeamento das primeiras precipitações), começadas normalmente a partir de meados de Julho, das semeadas "no húmido" (a partir da primeira precipitação com significado). As razões que ditam um ou outro comportamento são várias: questão de tradição (no Fogo, quase nunca se semeia "no seco", na Brava é a regra; em Santiago, consoante as localidades, prevalece uma ou outra situação); dificuldades com mão-de-obra (ter em atenção que com o terreno húmido, no sentido de se explorar eficazmente esta condição, as sementeiras têm que ser ultimadas no mais curto espaço de tempo); graus de riscos (nas zonas semi-áridas, as probabilidades de se perderem as áreas semeadas com sementeiras "em seco" são maiores que nas zonas húmida e sub-húmida). Aliás, considera-se, nos anos recentes, que nas ilhas em que há tradição em se "semear no seco", as sementeiras terão ocorrido fundamentalmente nas zonas ecológicas húmida e fracção significativa da sub-húmida. Nos estratos semi-áridos, as sementeiras tiveram lugar após as primeiras precipitações.

3. Acompanhamento das culturas através das diversas etapas fenológicas de crescimento (germinação, fase vegetativa de crescimento, floração, maturação fisiológica).

4. Identificação dos factores críticos ao desenvolvimento normal das culturas (ataques de pragas e graus de intensidade; condições ambientais adversas - ventos, particularmente; por último, o mais importante, os níveis pluviométricos acumulados e sua repartição).

5. Estimativas das produções. Os membros da equipa, para tal, iniciam deslocações sobre o terreno (a partir de estado da maturação das culturas), procedendo a amostragens. Considera-se, por uma questão de ordem prática, e País nas suas dimensões administrativas, nem sempre coincidentes com as divisões ecológicas: Ilhas, Concelhos, Freguesias, Zonas ou Povoados. Parte-se da última divisão para unidades mais elevadas.

No período compreendido entre as sementeiras e colheitas (mais exatamente a maturação), a Comissão igualmente apoia-se nas informações canalizadas pelas estruturas locais do MDR, na impossibilidade de, permanentemente, estar sobre o terreno. No sentido de normalizar o sistema de transmissão das informações, são remetidos modelos de fichas técnicas, retratando a evolução fenológica das culturas. As fichas condensam dados de: áreas semeadas e resemeadas, plantadas, vigor vegetativo das plantas, fases de desenvolvimento, ocorrência de factores desfavoráveis (ventos, baixa humidade, ataques parasitários). Estas são regularmente transmitidas à Comissão devidamente preenchidas.

2. REGIME PLUVIOMÉTRICO

Os dados climatológicos referentes ao quadrimestre Julho a Outubro, em particular incidindo no seu factor mais importante, a pluviosidade, vêm inseridos no anexo I.

A análise das quedas pluviométricas leva-nos as seguintes conclusões gerais:

- elas concentraram-se, na maior parte, nas 3.^ª década de Agosto (24 e 25) e 2.^ª década de Setembro (12);
- a repartição territorial foi muito desigual; ausência total de precipitações na B_oavista; níveis marcadamente baixos em Santo Antão e São Nicolau, com má distribuição; valores muito abaixo da média no Maio e Brava conquanto bem repartidas espacialmente; copiosas e bem escalunadas no tempo, apenas numa área bem delimitada do Fogo (NO, N e NNE); bem repartidas em

Santiago, com valores abaixo da média, concentrando-se a quase totalidade em 2 precipitações.

Em suma, mais de 90% das precipitações distribuíram-se pelas Ilhas do Sul (Santiago, Fogo, Brava e Maio, por ordem decrescente);

- as primeiras precipitações com algum significado para a germinação, ocorreram no início da 2.ª década de Agosto (mais precisamente: a 11 e 12), contemplando áreas expostas a N/NNE das Ilhas do Sul, Santiago, Brava e em maior quantidade o Fogo. Em 65% das áreas com interesse agrícola semeadas na campanha, a estação agrícola implantou-se tardiamente: 24-25 de Agosto;
- as máximas precipitações diárias registadas coincidiram com 12 de Setembro e localizaram-se em Santiago (390 mm, Santa Catarina; 400 mm Terrafal). Igualmente as maiores precipitações da estação coincidiram com esta data.

Tentemos analisar mais detalhadamente a evolução pluviométrica:

- a) mês de Julho: apenas ligeiros chuviscos em áreas bem delimitadas de zonas altas e insignificantes (15 de Julho) de Fogo. Ausência total de precipitações nas restantes áreas agrícolas. Valores muito abaixo da média;
- b) mês de Agosto: 1.ª década, totalmente seca. 2.ª década, primeiras chuvas com significado, bafejam apenas 15% do território agrícola, nas Ilhas do Sul. Ilhas de Barlavente, ausência total. 3.ª década, as primeiras chuvadas verdadeiramente significativas da estação, distribuindo-se por Santiago, Fogo, Brava e, em certa medida, o Maio. Nada a assinalar nas Ilhas do Norte. Máxima: 300 mm (Fogo); mínima: 7 mm (Maio). Valores abaixo da média
- c) mês de Setembro: 1.ª década, ausência total de chuvas.

2.ª década, no início, muito abundantes precipitações na Ilha de Santiago, ultrapassando os 100 mm na quase totalidade dos locais; relativamente abundantes no Fogo, alargando-se o leque da repartição; novas chuvas na Brava, contemplando os mesmos locais; significativas no Maio, em toda a Ilha.

Com as quedas de Setembro, completou-se o total semeado na campanha de 1983 (restantes áreas de Santiago, Fogo, Brava e Maio).

Continuou-se a constatar ausência total de quedas pluviométricas na Beavista e algumas (sem grande expressão) em áreas dispersas de São Nicolau e Santo Antão. 2.ª e 3.ª décadas, ausência total de novas quedas pluviométricas, em todo o território agrícola:

Valores abaixo da média.

- d) mês de Outubro: 1.ª década, precipitações pouco significativas, localizadas em áreas bem delimitadas das Ilhas de Fogo (Zona Norte), Maio (igualmente) e São Nicolau (com máxima de 130mm, sem grande efeito sobre os sequeiros).

2.ª década, não assinaladas chuvas.

Na elaboração deste relatório, encontramo-nos no início da 3.ª década.

Quanto a outros factores climáticos registados, condicionantes do desenvolvimento normal das culturas, apontam-se:

- ocorrência de ventos quentes e secos, em fins de Setembro, em Santiago e parte de Fogo;
- não acumulação de níveis térmicos elevados em Zonas importantes para a cultura de milho, no interior de Santiago, na maior parte de mês de Setembro e que conduziu a uma certa paralisação no seu desenvolvimento.

3. SITUAÇÃO DAS CULTURAS DOMINANTES DE SEQUEIRO

Os seguintes quadros procuram retratar a evolução das

principais culturas em 3 etapas: 10 de Setembro, 25 de Setembro e 15 de Outubro.

Na interpretação dos dados, deve tomar-se em atenção:

- a) As "áreas normalmente semeadas" reportam-se ao documento SCETAGRI, como já se referiu.
- b) Quanto às sementeiras "no seco" e "no húmido", atrás vêm apontadas as circunstâncias dum ou doutro caso.
- c) As "áreas com germinação normal" referem-se às comtempladas (nem todas) com primeiras precipitações excedendo os 20 mm.

Considera-se a "germinação normal" a ocorrida nos 7-10 dias a seguir à queda das chuvas, apresentando as plantas bom vigor vegetativo e isentas de ataques parasitários, além de elevada percentagem germinativa.

Nos quadros II e III apontam-se as áreas com "culturas em estado normal", uma vez que já se ultrapassou, em parte, a fase da germinação.

- d) O "tempo médio de resistência" das culturas é considerado o número médio de dias em que terão que registar-se novas precipitações, sob o risco de as culturas estarem irreversivelmente comprometidas. Obviamente, o intervalo de tempo é variável, consoante o enquadramento ecológico das culturas. Ele é mais reduzido nas zonas baixas confinantes com as orlas marítimas, onde as plantas são mais maltratadas. Na definição de "tempo médio", toma-se em atenção as condições normais: ausência de condições ambientais adversas (sobretudo ventos dirigidos secantes) e não incursões parasitárias (acrídeas, em particular).
- e) As áreas resemeadas reportam-se as que foram comprometidas seja por insuficiência pluviométrica não criando condições para o arranque normal das culturas, seja por ataques importantes de pragas (gafanhotos).

A análise dos quadros conduz-nos às seguintes conclusões:

- da "área normal", pouco mais de metade foi semeada com as culturas tradicionais na campanha em curso, a 10 de Setembro;
- O quadro II (situação a 25 de Setembro) ressalta o alargamento da área, para mais de 2/3 da "normal". Tal é a consequência das precipitações de 12 de Setembro. Nesta data, a área semeada estabilizou-se (26.000 ha).
- Dum acréscimo de 6.000 ha da área com as "culturas em estado normal", no período 10-25 de Setembro (para 19.080 ha, cerca de 2/3 da área semeada), segue-se um período de brutal redução, a 15 de Outubro (10.550 ha, mais de metade), como resultado de longo período seco (mais de 30 dias).

Para a cultura de milho, admite-se que a redução ainda seja maior (75%).

As precipitações de 1 de Outubro (Maia), 7 e 8 de Outubro (Fogo), dado o seu carácter localizado e pouco abundantes, contudo oportunos no momento da ocorrência, apenas tiveram significativo impacto numa área estimada em 750 ha.

QUADRO I

SITUAÇÃO DAS CULTURAS DE SEQUEIRO

(Setembro, 10)

I L H A	Área normalmen- te-sechada (ha)	Área semeada (1983)			%	Área com germinação normal (ha)	%	Tempo médio que as culturas suportarão ausência de água (dias)	Área reser- va- da (ha)
		Mo- seco	Úmido	Total					
Santiago	20.412	10 000	5.000	15.000 ✓	73	10.500	70	10	500
São Nicolau	1 670	1 250	0	1.250	75	0	0	-	-
Mais	165	0	100	100	60	50	50	7	-
Boavista	154	0	0	0		0	0	-	-
São Vicente	124	0	0	0		0	0	0	-
Fogo	6 392	0	2.000	2.000 ✓	30	1.500	75	15	100
Brava	1 971	1 400	0	1 400	89	1 000	71	12	150
Santa Antão	4 500	1 800	0	1 800	40	0	0	-	-
Sil	6	0	0	0	0	0	0	-	-
T o t a l	34 994	13325	7 100	20425	58	13 050	64		750

QUADRO II SITUAÇÃO DAS CULTURAS DE SEQUEIRO

(Setembro 25)

I L H A	Área normalmen te semeada (ha)	ÁREA SEMEADA (1983)			%	Área com as culturas em estado nor mal (ha)	%	Tempo mé- dio de re- sistência das culturas	Área, re- semeada (ha)
		No Seco	Húmido	Total					
SANTIAGO	20 412	10 000	7 500	17 500	85	15 000	86	10	500
SÃO NICOLAU	1 670	1 250	0	1 250	75	100(?)	8	-	
MAIO	165	0	120	120	73	80	67	5	
BOAVISTA	154	0	0	0	0	0	0	-	
SÃO VICENTE	124	0	0	0	0	0	0	-	
FOGO	6 392	0	4 000	4 000	62,5	2 500	62,5	10	100
BRAVA	1 571	1 400	0	1 400	89	1 100(m)	78,5	12	150
SANTO ANTÃO	4 500	1 800	0	1 800	40	300(?)	16	-	
SAL	6	0	0	0	0	0	0	-	
T o t a l	34 994	14 450	16 620	26 070	74	19 080	73		750

QUADRO III SITUAÇÃO DAS CULTURAS DE SEQUEIRO

(OUTUBRO 15)

I L H A	Área normalmen te semeada (ha)	ÁREA SEMEADA (1983)			%	Área com as culturas em estado nor mal (ha)	%	Tempo mé- dio de re- sistência das culturas	Área, re- se- meada (ha)
		No Seco	Húmido	Total					
SANTIAGO	20 412	10 000	7 500	17 500	85	8 000 *	45	5 *	500
SÃO NICOLAU	1 670	1 250	0	1 250	75	0	0	-	
MAIO	165	0	150	120	73	50 **	26	10	
BOAVISTA	154	0	0	0	0	0	0	-	
SÃO VICENTE	124	0	0	0	0	0	0	-	
FOGO	6 392	0	4 000	4 000	62,5	2 000 **	50	10 **	100
BRAVA	1 571	1 400	0	1 400	89	500 **	30	7 **	150
SANTO ANTÃO	4 500	1 800	0	1 800	40	0		-	
SAL	6	0	0	0	0	0		-	
T o t a l	34 994	14 450	11 650	26 070	74,5	18.550	40		750

* a área e o n.º médio de dias referem-se fundamentalmente à generalidade dos feijões consociados. Em 2.900 ha, podemos admitir que o milho está em estado normal, embora periclitante (Concelho do Tarrafal)

** a área e o n.º de dias dizem respeito à consociação milho x feijões

4. EVOLUÇÃO DAS CULTURAS

O estágio de desenvolvimento das culturas no conjunto do território agrícola não é homogêneo.

Ele é comandado pelo conjunto das 3 precipitações que, com maior ou menor significado, criaram condições para a germinação:

- a) Áreas em que se constatou a germinação com as precipitações de 11-12 de Agosto. Estimativa: 1958 ha. Localização: Santiago, Fogo, Brava. As sementeiras ocorreram "no seco" (Brava e Santiago) e após as primeiras chuvas (Fogo).

Data média da germinação: 17 de Agosto.

- b) Áreas germinadas após as quedas de 25-26 de Agosto. Estimativa: 11 092 ha. Localização: Santiago (maior parte), Brava e Maio. As sementeiras (e resementeiras) tiveram lugar "no húmido" (Santiago e Maio). Na Brava, a totalidade da área já havia sido semeada.

Data média da germinação: 1 de Setembro.

- c) Áreas com germinação na sequência das chuvas de 12 de Setembro. Estimativa: 1 030 ha. Localização: Santiago, Fogo e Maio. Sementeiras "no húmido".

A germinação foi dispersa e sem significado, em Santo Antão e São Nicolau (com sementeiras "em seco"). Data da germinação: 17 de Setembro.

À data em que prestamos esta informação, podemos caracterizar a situação de cada um dos grupos da seguinte forma:

GRUPO I: a germinação foi assegurada, não obstante terem sido baixas as precipitações de 12 de Agosto (médias de 15 mm, em Santiago e no Fogo, respectivamente). As culturas deste grupo foram crucialmente contempladas pelas razoáveis quedas de 25 de Agosto. Aliás, a não se registarem tais precipitações, elas estariam irremediavelmente comprometidas, em Santiago e Brava. No Fogo, a situação é um pouco diferente, uma vez que, anteriormente a esta data caíram chuvas, em meados de Agosto.

O milho já emitiu os órgãos reprodutores, iniciando-se a fase de grênácio, as feijões mais precoces (feijões vulgares, no Fogo; bongolon em Santiago, Fogo e certa medida a Brava) iniciaram a produção das vagens.

À excepção de certas áreas do norte do Fogo e Maio, as culturas atravessam um longo período de seca (cerca de 40 dias), pelo que, na perspectiva de se anteverem produções, elas estarão seriamente afectadas.

A agravar a situação, apenta-se a forte ventania que soprou no Fogo, em princípio de Outubro, igualmente, em Santiago registaram-se ventos quentes e secos, em fins de Setembro.

GRUPO II: em estadio vegetativo mais atrasado, as culturas deste grupo, não obstante terem beneficiado de condições de humidade muito mais propícias que as de grupo anterior para o arranque e de serem amplamente favorecidas, em extensas áreas, pelas copiosas precipitações de 12 de Setembro, patentéiam o seguinte quadro:

- milho, no início da floração, em certas áreas, particularmente mais próximas de litoral, ocorrida num período de extrema carência hídrica. Atraso no desenvolvimento em zonas altas do interior de Santiago, resultado de temperaturas anormalmente baixa.

Perspectivas nulas da cultura culminar o ciclo vegetativo.

- feijões anuais, em floração alguns tipos (bongolon), acusando ainda um vigor vegetativo permitindo a retomada normal, se se engendrarem, no mais curto espaço de tempo, factores favoráveis (novas precipitações).

Igualmente as culturas deste grupo foram submetidas a condicionalismos ambientais nefastos.

Algumas áreas (Fogo, Brava e sobretudo Santiago) foram resemeadas por se terem perdido: insuficiência pluviométrica a 12 de Agosto (Santa Catarina, em Santiago) e ataques dos aerídeos.

GRUPO III: apenas beneficiando das precipitações de 12 de Setembro, as culturas deste grupo ou foram mortas à nascença (dados os baixos índices pluviométricos) ou cedo entraram em emurhecimento, pela longa persistência das condições de secura.

Em termos relativos, a ilha que sofreu um alargamento mais marcado foi o Fogo, onde se constatou uma duplicação da área. Simplesmente, para além da sua implantação tardia, na grande maioria das zonas semeadas (Sul da Ilha, NO), a pluviometria foi reduzida (20 a 30 mm). Por outro lado, dada a ocorrência tardia destas precipitações, aliada à sua escassez, certas áreas tradicionalmente semeadas não o foram.

Não se perspectivam resultados neste grupo.

À laia de conclusão, podemos adiantar que, numa significativa área da campanha em curso (cerca de 10 000 ha) se as culturas não atingem a maturação fisiológica, tal é atribuída, não aos níveis pluviométrico acumulados, mas à extrema assimetria na sua repartição (em muitas zonas, a pluviometria total ultrapassou os 300 mm).

5. ESTADO SANITÁRIO

Este capítulo merece um tratamento à parte, dada a importante repercussão que, em certos anos, os inimigos exercem sobre as culturas, sendo responsáveis por perdas consideráveis, e não se exercer qualquer controle (30 a 50%, no acto das colheitas).

Felizmente, a campanha decorrente não tem sido pontuada por incursões significativas das pragas mais comuns (Oedalus segalensis, à cabeça).

1. Gafanhotos

As primeiras eclosões registaram-se após as chuvas de 12 de Agosto. Em Santiago, localizaram-se no Concelho do Tarrafal, não tendo sido preocupantes as densidades. Os estragos foram insignificantes.

Com as precipitações de fins de Agosto, novas eclosões, mais virulentas, verificaram-se. O Concelho da Praia (em Santiago) foi o mais envolvido nos ataques, que privilegiaram os terrenos de pastagens. Com os meios postos à disposição dos agricultores, conseguiu-se debelar a situação.

Na Brava, alguns focos foram identificados, que se alastraram por quase toda a ilha, a seguir às 2.ª chuvas. Igualmente aqui, a maior concentração foi nas pastagens. Os meios postos à disposição (isocas e insecticidas) foram úteis no controle.

No Fogo, os ataques foram localizados (SE da Ilha).

O Maio, Ilha tradicionalmente contemplada com ataques significativos, foi particularmente poupada este ano.

2. Lagartas

Apenas de assinalar a Heliothis armigera, nas primeiras áreas germinadas (Santiago), atacando as plantas de milho, não preocupantemente.

Alguns estragos da Chrysodeixis sp, em culturas do feijão congo em estado junvenil, foram igualmente constatadas.

3. Nezara viridula

Nos últimos dias, populações desta espécie concentraram-se nos feijões, sugando as vagens e folhas. Não sabemos como irá evoluir a praga.

4. Afídeos

Sem expressão, este ano.

6. PERSPECTIVAS DE PRODUÇÃO

Embora seja prematuro vaticinar as produções em termos físicos, ainda condicionadas pela eventual ocorrência de factos novos, sempre imprevisíveis, face aos elementos acumulados, podemos tentar avançar alguns índices, sujeitos a ulteriores rectificações.

Vamos admitir a hipótese mais pessimista, ou seja, da não constatação de mais precipitações no decurso do mês corrente, contrabalançada pela persistência dos restantes factores climáticos em condições normais.

CAMPANHA DE 1983

PRODUÇÃO DE MILHO E FEIJÕES (TONELADAS)

(Estimativa)

ILHAS	Área susceptível de proporcionar produções (ha)	PRODUÇÕES (TONS)	
		MILHO	FEIJÕES
Santiago	8 000 x	800	1 200
S. Nicolau	-	-	-
Maio	50 xx	20	5
Boavista	-	-	-
Fogo	2 000 xxx	1 000	400
Brava	500 xxx	200	50
Santa Ant.	100 xxx	-	20
TOTAL	10 650	± 2 020	± 1 875

- - 2 000 ha referem-se ao milho
- ■ - áreas referentes a milho x feijões
- ■ ■ - feijão congo.

Índices adoptados:

Milho - $Y_1 = 400$ kgs/ha (Santiago, Maio e Brava)
 $Y_2 = 500$ kgs/ha (Fogo)

Feijões
anuais $Y_3 = 100$ kgs/ha (Maio e Brava)
 $Y_4 = 150$ kgs/ha (Santiago)
 $Y_5 = 200$ kgs/ha (Fogo)

Y_3 a 100 kgs por ha, tem em atenção que as produções dos feijões mais tardios (Lablab, Phaseolus) estão comprometidas.

Y_4 a 150 kgs/ha, igualmente tem em atenção esta hipótese, reforçada com produções de feijão congo.

Y_5 a 200 kgs/ha admite uma inflexão favorável das hipóteses anteriores.

Feijão congo $Y_6 = 200$ kgs/ha (Santo Antão)

É de se reforçar a circunstâncias destes índices reflectirem os condicionalismos da estação, pelo que se apresentam abaixo das médias de um ano bom (750 kgs/ha para o milho e 350 kgs/ha para os feijões).

Por outro lado, para Santiago, admite-se que uma quota parte significativa da produção de feijões será imputada ao feijão congo perene.

No concernente a outras culturas importantes dos sequeiros, de que não se tem falado até à data, perspectiva-se o seguinte panorama:

Batata doce - produção muito baixa (provavelmente apenas em certas zonas altas do Fogo)

Café - A área cafeeira do Fogo vem sendo bafejada por condicionalismos assaz favoráveis, pelo que se antevê um ano razoável na produção desta espécie, em 1984.

7. ANÁLISE DA IMPLICAÇÃO DA CAMPANHA DECORRENTE NOUTROS SECTORES IMPORTANTES DO MUNDO RURAL

7.1. - Culturas irrigadas

No tocante a esta componente importante da agricultura nacional, prevê-se:

- a) como resultado das copiosas precipitações de 12 de Setembro admita-se que, em Santiago, a recarga dos aquíferos foi apreciável. É natural que se venha a constatar uma relativa estabilização da área irrigada e um significativo impulso dos regadios temporários (em particular nos vales do Nordeste).
- b) a situação deverá estabilizar-se igualmente nas ilhas do Fogo e Brava, onde os regadios têm fraca expressão.
- c) ela projecta-se crítica para as ilhas de S. Nicolau e S. Antão, em particular nesta última, onde se concentram 50% dos regadios.

Contudo, a ocorrência de precipitações de contra-estação, comum em Santo Antão, poderá mudar o panorama.

7.2. - Produção forrageira

As precipitações de 12 de Setembro igualmente geraram um quadro favorável à regeneração da massa forrageira, embora desigualmente no conjunto do território nacional:

- a) ilhas com situação relativamente desafogada - Santiago Fogo, Brava e em certa medida o Maio
- b) ilhas deficitárias ou críticas - Santo Antão, S. Nicolau e Boavista

7.3. - Abastecimento de Água às populações

Ilhas como Santo Antão, S. Nicolau e Boavista deverão acusar problemas preocupantes de abastecimento de água ao meio rural, como resultado das nulas ou inexpressivas precipitações nelas registadas.

De notar que, nestas ilhas, nos anos recentes a recarga dos lençóis tem sido deficiente ou nula.

8. CONCLUSÕES

Face ao exposto nos capítulos precedentes, é justo deduzir as seguintes ilações gerais:

- 1) - As produções das culturas pluviais dominantes não deverão cobrir 5% das necessidades em milho (estimadas em 45 000 tons) e 27% das dos feijões (7.000 tons).

- 2) - A produção ferrageira será satisfatória nas ilhas de Sotavento e nulas (ou insignificantes) nas de Barlavento.
- 3) - A área irrigada total acusará um decréscimo sensível nas ilhas do norte e estabilizar-se-à nas do Sul.
- 4) - A adição de água às populações rurais igualmente assumirá as proporções mais críticas nas ilhas do norte.

Praia, 20 de Outubro de 1983.-